

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

O SEMELHANTE E O OUTRO NA ESCUTA CLÍNICA¹ **THE RESEMBLING AND THE OTHER ONE IN THE CLINICAL LISTENING**

Gustavo Héctor Brun²

¹ Grupo de Estudos da Clínica de Psicologia de Santa Rosa 2018

² Docente do Curso de Psicologia DHE, Coordenador da Clínica de Psicologia da UNIJUI.

O percurso de formação na Clínica de Psicologia da UNIJUI nos possibilita abrir algumas questões introdutórias que correspondem ao tempo das primeiras entrevistas do profissional em formação na área específica. Neste contexto, a relação a ser estabelecida por um psicólogo será avaliada considerando o que está implicado no “outro”, o semelhante. Por ambos os lados, tanto quem busca ajuda no saber psicológico, como quem se forma para acolher as interrogações, começam às entrevistas preliminares “imaginando” o que podem encontrar: por uma parte lhe foi indicado um psicólogo, ou buscou referências, indicações de profissionais ou conhecidos, e com expectativas prévias apresenta-se à primeira entrevista. Também o psicólogo, mesmo ciente de que não é conveniente “imaginar” nem começar por preconceitos, marca na agenda e com alguma ação dessa índole anota uma identidade, um nome. Criar uma imagem previa é um momento necessário a todo encontro e também ao encontro clínico, sustenta-se em ambos lados referenciados ao semelhante, mas na perspectiva de quem escuta, o outro é acolhido com uma recepção específica, aberta às possibilidades que o estudo e a formação lhe permitirem, e neste sentido nos interrogaremos sobre conceitos que visam a esclarecer a posição que ocupa.

O reconhecimento inicial

O tratamento inicia-se com novidades, e seja pela narrativa de um, ou pelas intervenções do outro, nesse período começa a se estabelecer um vínculo no intercâmbio. É preciso reconhecer que esta relação não é simétrica, pois um deles exporá seus motivos ao outro que preferencialmente fará silêncio, e quem acolhe pronunciará intervenções auxiliado por um saber que se constrói singularmente a partir das falas do primeiro. Mesmo sendo uma relação entre pessoas que ocupam lugares diferentes, os participantes se reconheceram como semelhantes, e esse reconhecimento de equidade é um fato próprio da condição subjetiva. Mas a relação, mesmo que assimétrica, é especular, no sentido de que o imaginário tem de possibilitar e sustentar o encontro a partir do instante de captar o outro.

Assim, de modo sempre singular a cada sujeito, aqueles que chegam à clínica o fazem por algum tipo de sofrimento, um desconforto ou questão que os mobiliza, e se expressam para exprimir aquilo que sofrem. Mais simples ou mais complexas, estas falas do começo delimitam e contextualizam o mal-estar inerente à subjetividade. Configuram-se inicialmente interrogações sobre sofrimentos precariamente conhecidos com definições que chegam prontas: depressão, estresse, síndromes, injustiças, desagrado, abuso, podem ser palavras que encabeçam as tentativas por enquadrar o mal-estar. Sempre haverá um ponto de partida que é crucial para o encontro clínico e contém nele temas aos quais se retornara posteriormente. Neste início, mesmo

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

sem possibilidades de compreender, é conveniente valorizar atentamente para reter o que é escutado, pois na tentativa inicial de entendimento, o conjunto pode parecer incoerente ou afetado, pode perder lógica e apresentar confusão, é sobre essas contradições e confusões iniciais que avança o desenvolvimento ulterior do tratamento. As linhas opostas de argumentação que o sujeito percorre, seus paradoxos, momentos de inibição da fala, exacerbações afetivas, que surgem como distúrbios de sentido, tendem a se repetir revelando a posição do sujeito. É pertinente destacar que a escuta começou no primeiro instante, já nas entrevistas, diferente do sentido esperado pelo senso comum no qual a pessoa só atende o que lhe concerne de algum modo. Na clínica, os enunciados que fazem pouco sentido serão bem valorizados, pois há um sujeito complexo que temos estudado durante o período de formação do psicólogo. Assim, os sofrimentos iniciais cedem importância, e não interessa a empatia como modo de compreensão, porque ela nutre uma fantasia de sofrimento comum, e sim a discriminação do que está sendo enunciado. Num acolhimento que tem bases na posição dada à palavra do outro, não devemos partir da ilusão imaginária de ser empáticos e compreensivos, mas visar a acolher os processos de enunciação.

A partir da experiência clínica descrita, consideramos que o psicólogo em formação, na sua nova experiência, poderá situar-se para escutar desde o primeiro instante na medida em que discrimine algumas instâncias psíquicas que emergem regularmente, dando-se entre o eu e o outro, em relação imaginária. A importância teórica de um período especular que todo sujeito configura na infância, não está em dar sustentação à psicologia educativa ou formativa, mas no fato de que esse tipo de encontro com a própria imagem no semelhante, está acontecendo a toda hora no sujeito, e deveremos estar cientes disso no percurso de formação.

Escutar diferenciando aspectos do outro

As imagens constitutivas do psiquismo que entram em jogo e se destacam seja por via da palavra ou por outros signos, evidenciam o posicionamento de cada um nas entrevistas clínicas. Distinguímos então essa fala que é imaginária, que visa situar o eu e o outro, em tempo de reconhecimento do semelhante, no instante de apresentação. Exemplificada na vida social, encontramos essa função da linguagem na modalidade de fala que qualificamos como “jogar conversa fora”, “papo furado”, “falar besteiras”, ou seja, lá onde passamos a maior parte de nosso tempo na língua, a fala vazia. Trata-se do muro da linguagem sobre o qual se cria uma realidade precária, mas também é uma realidade verificada pelo consenso comum, “Quando o sujeito fala com seus semelhantes, fala na linguagem comum, que considera os *eus* imaginários como coisas não unicamente *ex-sistentes*, porém reais” (Lacan, 1955/2010, p. 330). Mesmo que com parâmetros tácitos (tipo de vestimentas, vocabulário, aspecto da pele, tonalidades, caracteres sexuais secundários), os semelhantes são valorizados como objetos equivalentes a si mesmo. Nesse sentido podemos dizer que são colocados num lado do muro da linguagem, não na função da linguagem que usufrui de todas as possibilidades de resignificação e alteração, mas pelo contrário, partindo dessa função de reconhecimento do mesmo, que produz multiplicações do outro no social.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Mas a sessão clínica é feita no resguardo, com intimidade, recortando um espaço em que se pacta reservar o sigilo. E isto, ao tempo que protege o aspecto vulnerável de quem sofre, só pelo simples fato de estar imersa na linguagem, também evoca uma abertura a novas perguntas desde a qual se pode ir muito além do que já se conheceu como próprio padecimento. Eis que uma esperança se abre na interrogação. Cada ser falante, assim como encontra uma imagem similar à própria, com expressão de afetos, com empatias, também desde sua organização tem uma representação diferenciada, é o Outro, ao qual chegou ao pedir atenção ao psicólogo, demanda e pede auxílio aos que saberiam o melhor a fazer com o seu psiquismo. Devemos então discriminar de que instancia se trata agora, para diferenciar suas funções na clínica desde a especificidade da nossa formação.

A mais complexa, imprescindível e permanente das instituições é a linguagem, e é somente nela que podemos conferir como a interrogação se abre. Ela nos respinga antes mesmo que que como sujeitos chegemos ao mundo, ainda que sejamos inseridos como letras de nome próprio. Nela mergulhemos para atender as necessidades de sobrevivência, porque com o uso das palavras nos comunicamos com nossos semelhantes. Não há partes naturais numa língua, mas mesmo sendo virtual, podemos facilitar a compreensão desse espaço de um Outro, remetendo-nos à função da língua (Saussure, 1916/2014) como essa parte da linguagem, que quando lhe restamos o exercício da fala, fica com uma possibilidade constante de palavras a serem utilizadas, como uma reserva, como um tesouro virtual sempre presente, onde as palavras esperam para serem trazidas ao som. A dependência do filhote humano ao nascer faz um Outro, o grande, aquele que nos assegura para não cair no abismo; por necessidade o indivíduo aposta e sustenta esse semblante de gente grande, desde que fala o Outro pode nos acolher na rede submersa da linguagem. Temos então entendimento sobre uma instância que é ao mesmo tempo um universo de palavras onde encontramos o semelhante e converge com esse lugar do qual podemos interrogar um saber que nos resguarde do desamparo. Essa instância é recriada na situação clínica, mas não somente nela, também é um lugar vacante no ser humano sempre que chega o sofrimento e o desespero. Encontramos esta função do Outro diferenciada desde textos antigos que versavam sobre a ciência e o psiquismo. Assim, já no texto Teeteto (Platão, 170 a) ao questionar a função do conhecimento frente a grandes perigos, no desespero da doença ou na catástrofe, em que prefere o homem se entregar às decisões de mestres e chefes, daqueles que sabem. Nestes aspectos se configura o Outro da clínica analítica, que é ao mesmo tempo uma reserva de linguagem e um Outro grande, sempre presente como instância que poderá sustentar uma ilusão de saber, a ele se interroga quando pede o auxílio psíquico.

Na atualidade da vida institucional, quem chega buscando atendimento na clínica frequentemente o faz depois de um percurso pela cidade, carregando seu mal-estar nas costas, interrogando saberes. Vem da escola ou do posto de saúde do bairro, indicado por conhecidos ou profissionais, imerso na malha social e nessas condições a especificidade da escuta clínica não é o que busca nem espera encontrar, mas um saber salvador. Em muitos casos podemos confirmar que a indicação ao psicólogo não garante a função do Outro, pois esta deve ser constituída e não é preciso que o estagiário crie um semblante de mestre, acreditando poderes sugestivos ou enunciando frases de salvação ou cura. No entanto é importante reconhecer-se desde o início na operacionalidade que o silêncio toma no período da escuta. Pois quem cala acompanha além

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

daquilo que as palavras atingiam no dialogo social. O ego de quem escuta não interrompe para entender, não se mede buscando consideração ou reconhecimento, simplesmente escuta e desde seu silencio opera a abertura às cadeias significantes. O que em um tempo de laço social era paradoxo, contradição, evitações, evasivas, começa a ser acolhido com um silêncio, não de incompreensão, mas de acolhimento sem condições, sem as condições imaginárias dos *eus* que regulam o laço social. Assim, mais cedo ou mais tarde o sujeito que busca o psicólogo reconhece que está percorrendo-se além daquilo que conhecia. Abrem-se novas cadeias associativas que divergem da fala especular, da fala vazia, e começa a dimensionar-se um outro espaço que aloca a interrogação do sujeito, aquilo que visa a responder de si mesmo, é acolhido pelo psicólogo, mas agora constituindo o lugar de Outro da linguagem, no que ainda vivem como língua num espaço comum, não dito, mas comum a ambos. Se um Saber opera, suposto no Sujeito, este se constituirá, não pelos textos lidos, mas pelos conceitos que sustentam o silencio e as pontuações que possibilitam a escuta.

A partir da primeira entrevista temos então distinguido o Outro do semelhante, que é o mesmo que dizer, o Outro do outro. O paradoxal desse Outro entanto tesouro de significantes à espera de nossos enunciados é ao mesmo tempo o que pressupomos como o grande, o completo, o sábio, quem pode ter o conhecimento que falta para o bem viver. Ainda a partir dele chega para nós a normatividade, tanto no que diz respeito do que avaliamos, como nos avaliamos, e ainda o que pode ou não deve ser feito. E isto tanto opera na ordem social quanto na intimidade do trabalho clínico. Eis o Outro em sua relação com a lei, que ordena, impede e também indica onde podemos nos realizar. Por uma parte é desse Outro que se espera a lei, e por outra parte é a partir dele que o sujeito reconhece as insígnias, os signos de prestígio, os traços convenientes para aceder ao Ideal. O Outro fica grande até naquilo que comporta, e neste sentido é um conceito que terá seus desdobramentos. Como instância não está conscientemente presente, e contamos com ela a todo momento.

Para retomar Saussure, Lacan evoca o lugar do tesouro, o lugar das palavras e das frases feitas (Lacan, p. 122 1999/1957) porque tem nelas enunciados que pouco se questionam, que chegam amarrando sentidos que parecem mais consistentes. Nesse tesouro são da mesma estofa os imperativos categóricos, ou seja, aquelas ordens da cultura que passam de geração em geração, que costumam chegar como frases e regularmente não são questionadas; e o são também as figuras retóricas, bem mais distensas, evocadoras da criatividade, que permanecem reservadas no tesouro. Assim “Esse Outro, precisamos que seja muito real, que seja um ser vivo, de carne, em bora não seja a carne que eu provoco. Mas por outro lado, há também algo aí de quase anônimo” (Lacan, p. 123 1999/1957). Assim, toda figura que flexibiliza um passo de sentido, um escorregar do código, provoca um encontro, uma comunhão com o Outro anônimo, provedor permanente de sentido. Vemos agora como aquela fala vazia, a das apresentações, das formalidades, do regularmente costumeiro, parte para uma situação de passo de sentido, de abertura à possibilidade de significações. Ter ao mesmo tempo um semelhante na nossa frente, entanto ele está imerso na linguagem, mesmo que bastante silencioso, nos coloca ante um Outro que é garantia dos intercâmbios feitos e os que estão por vir. Basta que o riso, ou essas coisas do espírito, sejam da paróquia, se diz na psicanálise. Lacan evoca o termo grego antigo *paroke*, que é

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

a provisão, o ministrado, o que é proporcionado, para acompanhar a ideia dessa *parrocchia* italiana onde se conseguia tudo aquilo que um funcionário do império poderia necessitar, e assim configura o conceito de Outro que nos acompanha na clínica.

Um substrato de outro na coisa

Quem escute a partir da clínica de psicologia possibilitara ao semelhante percorrer ilimitadas cadeias associativas, e para isso quem fala terá que colocar o estagiário em qualquer lugar que seja necessário para sustentar seu percorrido. É o que historicamente se reconhece como transferência na experiência analítica, pois já nos começos do século passado as repetições, reproduções, cópias que o paciente projetava sobre Freud, foram observadas como fenômenos inerentes ao fazer clínico. Se bem a transferência como tal comporta muitos aspectos a serem considerados além das primeiras repetições, esses efeitos de projeções iniciais podem ser considerados os começos do vínculo. Distinguimos a referência a um Outro, a suposição de um Saber, a flexibilidade ao acolher as projeções, e consideramos que estes processos são fundamentos da clínica que partem de uma situação de mal-estar.

Abordando o tema da permanência de uma instância psíquica para o outro, como substrato do semelhante, podemos encontrar um lugar muito singular, que Lacan destaca do texto de Freud, intitulado Projeto para uma psicologia para científica (1996/1950). Muitas das sementes do pensamento freudiano se encontram nesse texto que veremos ramificar-se em seus posteriores trabalhos sobre o sonho, mas um conceito original desse texto nos interessa destacar entorno do “complexo de outrem”, o *Nebenmensch*, como sujeito semelhante, um outro ser humano. Aquele sujeito externo que entra no campo sendo captado como o primeiro objeto satisfatório, mas também objeto hostil e, sobre todo sua única força auxiliar, pois sem esse outro o pequeno filhote humano não se sustenta na vida. Assim, é situada essa junção de experiências, como espaço constante, que permanece em junção “como uma coisa, enquanto o outro pode ser *compreendido* por meio da atividade da memória - isto é, pode ser rastreado até as informações sobre o próprio corpo do sujeito” (Freud, p. 384, 1996/1950). As novas impressões emanadas do semelhante coincidirão com os traços associados ao objeto. Esta noção de objeto original tem importância no fazer clínico, pois remete a um objeto que ao mesmo tempo é exterior e interior, o que permite figurar aquilo que a escuta, em quanto dependa da enunciação, pode confundir na necessidade gramatical que corresponda a uma lógica espacial.

No começo de nossa reflexão observamos que quem escuta num primeiro momento pode entender pouco ou nada do que é falado na clínica, e isto ainda é propiciado pelo silêncio que faz ante as cadeias associativas que emergem trazendo as incoerências próprias do sofrimento ao qual o sujeito se apegava com gozo. Mas a clínica espera discriminar muitas coisas que as verdades emascaram e nessa busca chegam a produzir diferentes afetos em vínculo transferencial que outrora participaram da vida íntima, social, laboral. Neste sentido, ao pensar a dinâmica da transferência Freud destacou que no caminho das transferências seriam revividos afetos positivos, mas também negativos. Como no “complexo de outrem”, afetos agressivos de hostilidade convivem em junção com projeções afáveis, e essas, sem anular uma a outra, convivem num

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

estado de desamparo que remete à necessidade de auxílio e proteção. Eis onde encontramos um valor inicial onde deve ser situada a coisa freudiana, pois como nos lembra Pommier em seu texto *O amor ao avesso* (1998), basta que alguém fale “pai te amo” para que a contradição emergja, se entendermos que a função paterna traz um lugar terceiro recorte de encontro. Assim, quem abre um espaço para desenrolar associações de ideias, deve estar conceitualmente, afetivamente e intelectualmente pronto a uma recepção mais complexa do que os *eus* sociais toleram.

Como no começo foi necessário um Outro que saísse de garantia, e a partir dela se coloca um sujeito falante em movimento, veremos que essas falas sobre seu sintoma permitiram melhor reconhecimento, e com seus percursos a loucura tomara um valor indicativo para o enigma, para a interrogação. Mais ou menos reconhecido, a loucura é mais do que o mal-estar, até poderíamos avaliar que o sintoma é uma defesa da loucura. Quando o sintoma é interrogado, as suas causas revivem, ressuscitam sobre a pedra que parecia ter sepultado o conflito. O objeto, essa coisa próxima e ao mesmo tempo externa deve ser acolhida com neutralidade, e das *Ding* freudiano se recoloca.

Numa retrospectiva subjetiva pode se mergulhar no momento em que há identificação com complexo do paciente, se o ego se abstém de imitações podem chegar sinais de angustia no estágio, como um leve temor ou alerta anunciam que o sem sentido prevalece. Como ele faz silêncio e não foge, nem interrompe, nem corrige, as cadeias mais malucas avançam sem sentido. Assim o paciente chega a explorar além do que conhecia de si mesmo, somente porque tem alguém, um Outro, um que assegura um semblante de saber que indica garantias. Chamar essa coisa comum que as palavras bordeiam de *Ding* é pertinente, pois permite que o estagiário não interrompa, ao menos até ter um motivo para destacar um enunciado que sustente a interrogação sofre o sofrimento.

O que vem a ser dito, fica em suspense e o objeto difuso precisaria ser discriminado. No entanto o momento de compreender não se consolida, ter a referência de alguma coisa permite acompanhar além do limite da compreensão que o ego reclama. Quem fala, na ilusão de ser acompanhado, pode ir além de suas próprias palavras, somente pela companhia de quem escuta em silêncio.

Por uma parte encontramos que o Outro é quem possibilita a ressignificação, e nesse momento nos encontramos na ordem dos significantes. O momento de identificar a escuta remete ao tesouro de significantes que esperam a possível utilização suspensos na língua comum. Eis o momento do chiste, da ressignificação, da pontuação que visa a destacar, ou de mostrar a pluralidade de sentidos que uma sequência de palavras pode evocar. Mas a partir de das *Ding*, dessa experiência vivida como afeto comum, temos também a possibilidade de avaliar a escuta do dito em termos de percurso das cadeias associativas que visam a uma distinção. Retomando Saussure (1912/1916), no Curso de linguística geral, nos adverte que em tanto linguagem, a operação tem duas caras, ou ainda que é um cavalheiro de múltiplos domínios, talvez seja oportuno interrogar se com o corpo, a coisa, vai nas bordas, no desfiladeiro dos significantes, e recortando um lado não se recorta o outro.P

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Para concluir, temos então, a partir da experiência de formação na clínica de psicologia, avaliado o lugar do semelhante, que desde a experiência nos remete a distinguir diferentes posições. Uma inicial que se discrimina pelo acolhimento e precisa também de um saber que garanta o espaço clínico. O primeiro momento que abre um espaço para o Outro da linguagem e do saber. Mas esse espaço também de outro entra em projeções transferenciais onde o semelhante tem localização psíquica no limite íntimo, na Coisa freudiana. Assim, as entrevistas iniciais mostram que o estágio mobiliza uma rede de termos e conceitos sem os quais a especificidade da escuta clínica não seria possível de reconhecer.

Bibliografia:

Freud, S. (2006) *Projeto para uma psicologia científica* In Edição standar brasileira obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 1. RJ: Imago (1950)

Lacan, J. (2010) *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Livro 2. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (1955)

Lacan, J (1999) *As formações do inconsciente*. Livro 5. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (1957)

Platão (1990) *Teeteto*. Trad. Manuel Balasch. Barcelona. Editora Anthropos.

Pommier, G. (1998) *O amor ao avesso*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud Editora.

Saussure, F (2014) *Curso de linguística geral*. São Paulo, SP: Editora Pensamento. Cultrix (1916)